

# UMA GEOGRAFIA DA DEGRADAÇÃO DO TRABALHO: O ADOECIMENTO DOS TRABALHADORES EM FRIGORÍFICOS<sup>1</sup>

*Fernando Mendonça Heck*

Doutorando em Geografia pela FCT/UNESP – Presidente Prudente  
Membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT) e do Laboratório e Grupo de Pesquisa  
Geografia das Lutas no Campo e na Cidade (GEOLUTAS)  
fernandomheck@gmail.com

**RESUMO:** O objetivo desse artigo é demonstrar como o trabalho em frigoríficos é degradante e impacta na saúde e vida dos sujeitos que laboram. Para alcançar o objetivo, nos amparamos na bibliografia sobre o trabalho em frigoríficos, bem como de casos concretos de adoecimento no setor, como as informações obtidas junto ao Ministério Público do Trabalho (MPT). Também, nos utilizamos de fontes orais para buscar compreender as experiências dos trabalhadores com relação ao trabalho. Os resultados da pesquisa com essas fontes tem demonstrado que há um grande adoecimento dos trabalhadores (degradação do trabalho), o que corrobora com constatações de pesquisas que estudam esse setor, bem como, de pesquisas em outras inserções laborais, o que nos pressupõe a pensar uma geografia da degradação do trabalho. Portanto, os frigoríficos são territórios da degradação do trabalho, que do ponto de vista dos trabalhadores, pode significar o primeiro e último emprego, pois a chance de adoecer é alta.

**Palavras-chave:** Trabalho; Território; Saúde do Trabalhador

## A GEOGRAPHY OF DEGRADATION OF WORK: THE ILLNESS WORKERS IN MEATPACKINGS

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to demonstrate how degrading is the labor in meatpacking and how it impacts the health and the lives of the individual who work. To achieve this goal, we're supported by the bibliography on the labor in meatpacking, as well as concrete cases of illness in the sector, we also use the information obtained from the Public Ministry of Labor (MPT). The use of oral sources for understanding the experiences of the workers in relation to their jobs is also important. The research results on these sources has shown that there is a great sickening among the workers (labor degradation), which corroborates with the research that studies this sector, as well as the research in other insertions of labor, which presupposes in

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte das reflexões da nossa dissertação de Mestrado orientada pelo Prof. Antonio Thomaz Júnior. Agradeço especialmente a Associação dos Portadores de Lesões Por Esforços Repetitivos (AP-LER) que me ajudou em todas as entrevistas realizadas e também os Procuradores do Trabalho do Ministério Público do Trabalho (MPT) Sueli Bessa e Sandro Eduardo Sardá que abriram as portas para a minha pesquisa.

thinking a geography of the labor degradation. Therefore, meatpacking are territories of labor degradation, which, from the point of view of the workers, may be their first and their last job, because of the chance of getting sick is high.

**Key Words:** Labor; Territory; Worker Health

## INTRODUÇÃO

O Brasil é o maior exportador de carne de frango do mundo, mesmo destinando apenas 30,2% da sua produção para exportações em 2011 (UBABEF, 2011). É o terceiro país do *ranking* de produção de carne de frango do mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos e China, performance que garante a esse setor de atividade liderança e importância interna e externa. (USDA, 2011<sup>2</sup>).

A produção brasileira de frangos teve um crescimento de 118% no período de 2000-2011, e a exportação no mesmo período cresceu 330%, já em 2011 o Brasil produziu 13,058 milhões de toneladas de carne de frango, sendo que destas exportou 3,942 milhões, o que repercutiu numa receita cambial de U\$\$8,253 milhões.

As exportações de frango alcançam mais de 150 países do mundo, e o principal é o Oriente Médio, com 35,8%; em seguida vem a Ásia, com 28,9%; a África, com 12,6%; a União Europeia, com 12,3%; as Américas, com 7,3% etc. (UBABEF, 2011).

A carne suína brasileira também ocupa lugar de destaque, pois o país é o 4º colocado em produção em nível mundial, e o 4º em exportação (USDA, 2011). Somente no período que compreende abril de 2011 e março de 2012 as exportações de carne suína geraram U\$\$ 1,438 milhões (ABIPECS, 2011).

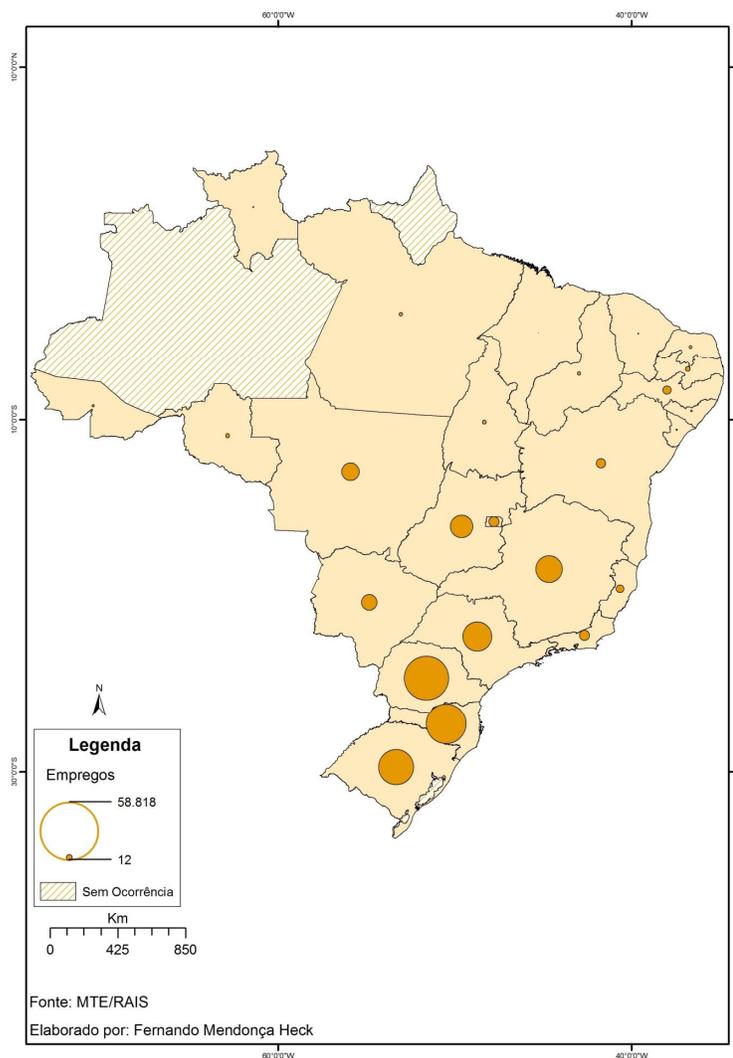
As exportações da carne suína alcançaram cerca de 130 países no mundo e os principais destinos em toneladas exportadas no ano de 2011 foram: Hong Kong 25,1%, Rússia 24,4%, Ucrânia 11,9%, Argentina 8,1%, Angola 7,3% etc. (ABIPECS, 2011).

O Brasil está, então, entre os quatro principais países do mundo na produção e exportação de carnes de suínos e frango. Dessa maneira, há também a geração de empregos no

---

<sup>2</sup> Os dados do United States Department of Agriculture (USDA) foram obtidos através da base de dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) intitulada Central de Informações de Aves e Suínos (CIAS). Disponível em: <<http://www.cnpsa.embrapa.br/CIAS/dados/mapa.php>> (Acesso em 06/11/2012).

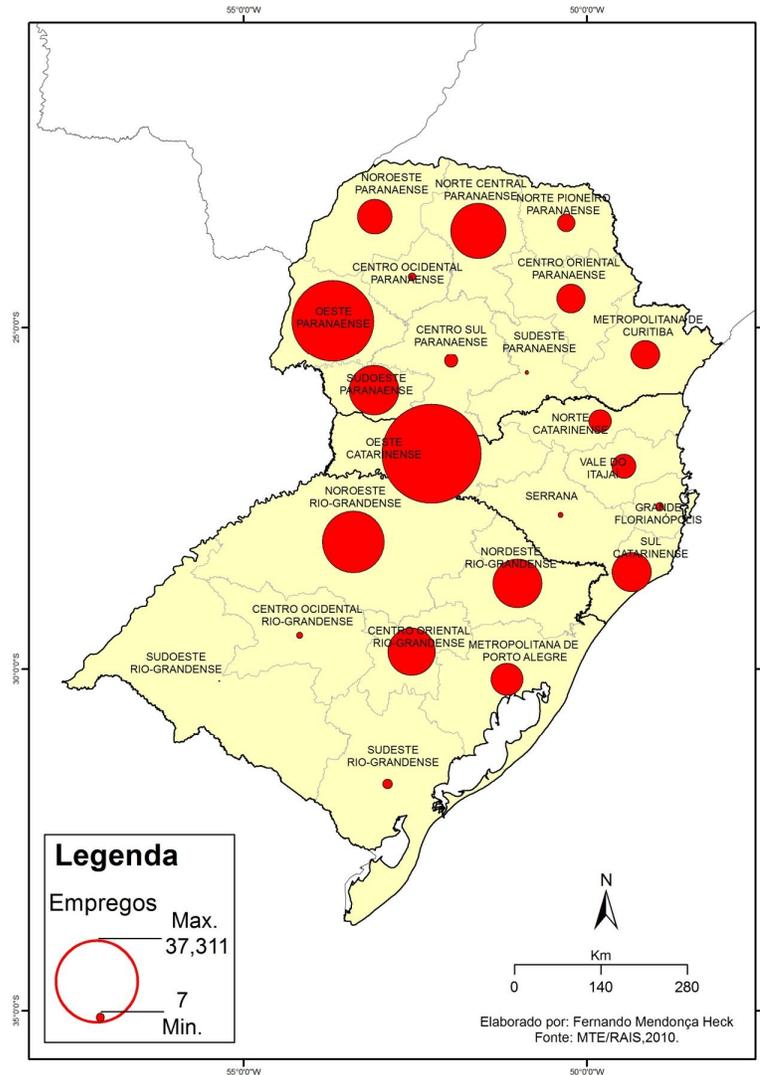
país, estimados em 500 mil para abate de frangos e suínos. O emprego no setor em território nacional concentra-se majoritariamente no Sul com 60% dos postos de trabalho. Na região há um grande número de empresas abatedoras de aves e suínos e onde se localiza 65% dos abates de suínos (IBGE, 2011) e 62% dos abates de frango (UBABEF, 2011) (Figura 1).



**Figura 1 – Emprego em Abate de Frangos e Suínos no Brasil (2010)**

Fonte: MTE/RAIS, 2010. Elaboração: Fernando Mendonça Heck.

No sul do país há duas Mesorregiões que se destacam na geração de empregos para o setor o Oeste Catarinense e o Oeste Paranaense, sendo que essas duas Mesorregiões correspondem a 26,4% de todo o emprego nacional para o setor e quase a metade do sul do país com a cifra de 43,6% (Figura 2).



**Figura 2 - Emprego em Abate de Frangos e Suínos por Mesorregião: Sul do Brasil (2010)**

Fonte: MTE/RAIS, 2010. Produzido por: Fernando Mendonça Heck

Conforme os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), entre os anos de 2000 e 2010 houve um crescimento de 250% nos empregos relacionados à variável – abate de suínos, aves e outros pequenos animais<sup>3</sup> – no Oeste do Paraná.

Com relação ao emprego formal em frigoríficos de aves e suínos no Paraná, o Oeste do estado concentra 42,7% dos postos de trabalho no setor, sendo que, o município de Toledo (PR),

<sup>3</sup> Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) a sua identificação é CNAE 1012.

ocupa o maior destaque, ou seja, 7546 postos (RAIS, 2010), principalmente pela presença da Sadia.

Mas, o que esses dados têm a nos mostrar? Essa geração de emprego implica em que tipo de condições de trabalho? É o desenvolvimento e o progresso que constatamos pela geração de empregos? Do ponto de vista dos trabalhadores o que significa se empregar nesse tipo de atividade?

De antemão é possível dizer que, do ponto de vista dos trabalhadores, essas informações quantitativas do setor, antes de indicarem “desenvolvimento e progresso para todos”, para estes têm suscitado a imposição de um ambiente de trabalho hostil nas linhas de produção, que os mutila e os faz adoecer.

Portanto para entender esses números é preciso conhecer a realidade social do trabalho nos frigoríficos, daí o importante papel das pesquisas empíricas, amparadas em metodologias e dinâmica qualitativas, capazes de apurar o movimento e a situação do trabalho no ambiente de realização da irracionalidade sistêmica do capital. Essas metodologias podem nos levar a compreender relações complexas da subjetividade dos trabalhadores que vão muito além dos indicadores estatísticos.

E os resultados dessa abordagem pode nos levar inclusive a questionar a importância de tal emprego (e até que ponto relacionar geração de emprego com desenvolvimento significa desenvolvimento e progresso), pois temos visto que o resultado do emprego nesse setor geralmente recai sobre a saúde do trabalhador com mutilações, acidentes e doenças relacionadas com o trabalho.

O que dizer então das estimativas nacionais de que cerca de 23% da mão de obra do setor está afastada ou no aguardo de decisões judiciais, tendo em vista o adoecimento relacionado com o trabalho? (FTIA-PR, 2011, p.1).

É disso que trataremos nesse artigo. Dividimos o texto em três partes fundamentais: na primeira trataremos os apontamentos teóricos, sobre como estamos entendendo os adoecimentos relacionados ao trabalho, e como, na nossa leitura, hoje se apresenta um cenário nefasto aos trabalhadores nas múltiplas ocupações, o que estamos entendendo por uma geografia da degradação do trabalho. Na segunda, apresentamos uma leitura sobre contribuições de diversos autores sobre o trabalho em frigoríficos, bem como indicadores estatísticos, dados do Ministério

Público do Trabalho e dados da nossa pesquisa com relação ao trabalho na Sadia em Toledo (PR). Por fim, na terceira parte desse artigo, procuramos abordar as fontes orais que coletamos junto aos trabalhadores dessa empresa que demonstram quais são as perspectivas/narrativas que esses sujeitos construíram com relação ao emprego que desenvolvem/desenvolveram.

## **APROXIMAÇÕES TEÓRICAS**

O argumento teórico que respalda nossa pesquisa é situar o metabolismo social do capital e sua segunda ordem de mediações, mediações estas, reificadas/alienadas, que não são permanentes e imutáveis, ou seja, a construção histórica da sociedade do capital, como indutora dos acidentes e doenças relacionados com o trabalho. O objetivo é mostrar que a redução do trabalho à mera mercadoria vendável (MARX, 2004) sob o domínio do metabolismo social do capital, é a base para compreender a geografia da degradação do trabalho que impactará na saúde e qualidade de vida dos trabalhadores, na pluralidade de marcas territoriais do trabalho. E, que, portanto, está na luta por uma ordem alternativa de mediações, radicalmente diferente, a saída para o adoecimento de tantos homens e mulheres, o que significa a fundação de um novo metabolismo social *para além do capital*.

Mészáros (2002; 2006; 2009; 2010) é a nossa referência, para compreender que as mediações de primeira ordem não necessitam da subordinação hierárquica do trabalho ao capital. Ou seja, são formas de intercâmbio metabólico entre os homens e a natureza em que a divisão hierárquica do trabalho inexistente. Como diz o autor (2009, p.192) nenhum dos “imperativos mediadores primários em e por si mesmos implica o estabelecimento de *hierarquias estruturais* de dominação e subordinação como a estrutura necessária da reprodução sociometabólica”.

Essas formas de mediação primárias não implicam na subordinação hierárquica do trabalho ao capital (MÉSZÁROS, 2002; 2006; 2009; ANTUNES, 2009; 2011; THOMAZ JUNIOR, 2009; 2011). Não sugerem também que seja o trabalho fonte de criação de valores de troca, pelo contrário, nesse tipo de mediação primária o trabalho é concreto, fonte de produção dos valores de uso.

As mediações primárias são, portanto, determinações ontológicas fundamentais de intercâmbio do homem com a natureza. Naturalmente, o trabalho não assumirá nesse caso a sua

forma abstrata (produtor de valor de troca), mas sim a sua forma concreta enquanto produtor de valores de uso.

Essa compreensão é de extrema importância para nossa pesquisa, pois queremos defender a tese de que as doenças ocupacionais relacionadas aos frigoríficos não são meros casos, frutos de uma suposta ação descuidada dos trabalhadores, mas sim que se relacionam aos ritmos intensos de trabalho, motivados pelas metas de produção, inadequação do ambiente de trabalho às normas de segurança, entre outras, que levam os trabalhadores a adoecer no território fabril. Tal ritmo não consta como algo natural na forma de realizar o trabalho, mas sim uma imposição hierárquica e que tem referência nas mediações de segunda ordem predominantes sob o jugo do metabolismo social do capital. Como bem sintetiza Lourenço (2009, p.229):

Acredita-se que a questão dos agravos à saúde dos trabalhadores, antes de ser um problema biológico, é fruto de um processo social, marcado pela exploração, alienação, subalternidade e violência do trabalho e afeta objetiva e subjetivamente o organismo e revela-se como uma das expressões da questão social.

O que nos inspira pensar que os acidentes/doenças ocupacionais também não podem ser entendidos em si mesmo, ou seja, na delimitação que o fenômeno é constado, senão considerá-las como parte de um processo complexo de tramas sociais radicadas na irracionalidade sistêmica do capital e que dão fundamento a todo o sistema de exploração e degradação do trabalho (THOMAZ JUNIOR, 2011).

Dessa forma, para entender o adoecimento que o trabalho abstrato contemporaneamente impõe aos trabalhadores é preciso entender de que trabalho se está falando, ou seja, de compreender a categoria trabalho. Portanto, estamos falando do trabalho sob a égide das mediações de segunda ordem impostas historicamente pelo capital (MÉSZÁROS, 2002; 2006; 2009), que tem impactado na saúde dos trabalhadores. Deste modo, não é o trabalho concreto (produtor de valores de uso, mediações de primeira ordem) que adoece e degrada, mas sim o trabalho abstrato (produtor de valores de troca), relação social estranhada, que deixa suas marcas nos corpos e mentes dos trabalhadores (LOURENÇO, 2009).

Assim, o trabalho assumirá um caráter de duplicidade, sob o jugo do capital, pois a sua condição por excelência/ontológica de produção de valores de uso estará subordinada pela

produção de valores de troca, como já adiantou Marx. Isso não significa que o trabalho concreto acabou, mas sim que os meios se tornaram os fins últimos “sendo que, por sua vez, os fins ontológicos da humanidade (produção de valores de uso) são subsumidos aos tais fins reificados” (THOMAZ JUNIOR, 2011, p.310).

A compreensão da diferença primordial que existe entre as mediações de primeira e segunda ordem, expõe uma chave importante para compreendermos o pensamento marxiano de István Mészáros que contribui para o entendimento do adoecimento dos trabalhadores. Isto é, a imposição hierárquica da “mediação da mediação” decorrente da propriedade privada, da troca, da divisão do trabalho, que culminam no complexo da alienação que não provém de “fatalidades da natureza” (MÉSZÁROS, 2006, p.14).

Pelo contrário, é uma imposição em determinado período de desenvolvimento da história na qual se expande o metabolismo do capital que é fruto das ações dos próprios homens. É da imposição deste, que hoje enxergamos números astronômicos de acidentes, mutilações, descarte e morte dos trabalhadores no mundo todo<sup>4</sup>.

E somente se alcança esse estágio no desenvolvimento histórico através da alienação dos produtores dos meios de produção e do seu próprio trabalho transformado em “coisa” (MARX, 2004). Conforme Mészáros (2006, p.39):

A alienação caracteriza-se, portanto, pela extensão universal da “vendabilidade” (isto é a transformação de tudo em mercadoria) pela conversão dos seres humanos em “coisas”, para que eles possam aparecer como mercadorias no mercado (em outras palavras: a “reificação” das relações humanas); e pela fragmentação do corpo social em “indivíduos” isolados (*vereinzelte Einzelnen*), que perseguem seus próprios objetivos limitados, particularistas, “em servidão à necessidade egoísta”, fazendo de seu egoísmo uma virtude em seu culto da privacidade.

Eis as mediações de segunda ordem que surgirão em decorrência do poder de alguns homens sobre os outros que só pode ocorrer através do trabalho no seu formato

---

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, o relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) “Tendências mundiais e desafios para saúde e segurança do trabalho”, onde se apresenta que há uma média diária de 6.300 mortes relacionadas ao trabalho, e 317 milhões de trabalhadores feridos em acidentes de trabalho por ano. Conforme a OIT isso equivale à média de cerca de 850.000 lesões diárias com quatro dias ou mais de afastamento do trabalho. Fonte: <<http://www.oit.org.br/content/xix-congresso-sobre-seguran%C3%A7a-e-sa%C3%BAde-no-trabalho-discute-constru%C3%A7%C3%A3o-de-locais-de-trabalho-m>> ao final da notícia há o link para download do Relatório (Acesso em: 06/11/12).

estranhado/alienado. Como diz Marx (2004, p.86) “se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, um poder estranho [que] está diante dele, então isso só é possível pelo fato de [o produto do trabalho] pertencer a um *outro homem fora o trabalhador*” (*grifo nosso*).

Isso só será possível sob o desenvolvimento histórico no qual o projeto de sociedade burguesa pôde ser efetivado. É pela ascensão do “trabalho livre” que o estranhamento emerge. Para isso o homem tem de estar fora da natureza, não pode se reconhecer na sua atividade estando exteriorizado/estranho a ela, ou seja, tem de ter seu trabalho transformado em trabalho abstrato, o trabalho que não o efetiva como ser social, mas sim que possibilita a acumulação de capital em poucas mãos, fato histórico fundamental para entender, a degradação do trabalho e, por consequência, o adoecimento dos trabalhadores.

Nos dizeres de Marx (2004, p.83) “o seu trabalho não é, portanto voluntário, mas forçado, *trabalho obrigatório*” (*grifo nosso*). E, é essa característica do trabalho abstrato que aliena/estranha os homens, que surge historicamente e legitima as mediações de segunda ordem impostas pelo capital.

São essas as condições históricas para a emersão de uma geografia da degradação do trabalho, onde iremos constatar condições de trabalho extremamente degradantes e com impactos na saúde e vida dos trabalhadores. É dessa imposição do metabolismo social historicamente construído pelos próprios homens, portanto não-natural, que transforma o trabalho em mercadoria vendável (a mediação da mediação), o ponto de partida para compreender a degradação do trabalho nas múltiplas manifestações territoriais.

Podemos dizer que as marcas da degradação do trabalho, irão ocorrer em diferentes escalas territoriais, pois seja em qual setor de atividade for, o trabalho é precarizado (ANTUNES, 2009). O que pressupõe pensar o território como um conceito multiescalar, para além da sua formatação dentro dos limites territoriais do Estado-Nação. Isso porque, identificar as marcas territoriais do trabalho (THOMAZ JUNIOR, 2011), pressupõe entender o conceito de território na sua multiescalaridade.

Portanto, os efeitos do trabalho degradante, são percebidos em inúmeras pesquisas nas mais diversas inserções laborais. Para citar alguns exemplos: nos *call centers* sete em cada dez trabalhadores sofre de depressão ou síndrome do pânico (VENCO, 2008), na cana em apenas um ano foram treze mortes em canaviais paulistas como seu José Mário Alves Gomes de 47 anos que

após cortar 25 toneladas de cana para o grupo Cosan teve enfarte (SILVA, 2006), nas madeiras 41% de 4.381 trabalhadores estavam mutilados em 2005 (PIGNATI e MACHADO, 2005) e nos frigoríficos a chance de desenvolver tendinite na desossa de perna de frango é 743% superior a outros setores da economia conforme o Ministério da Previdência Social (MPS). Tais informações nos indicam uma tendência de que do ponto de vista da saúde dos trabalhadores estamos em meio a uma geografia da degradação do trabalho nas múltiplas ocupações e formatos sociais do trabalho.

Tais informações, preocupantes, demonstram que o trabalho sob o signo do capital é marcado pela exploração, precarização e degradação do corpo do homem que trabalha. É como diz Alves (2010, p.3512): “cada vez mais, sob a dinâmica do capitalismo global, torna-se incompatível o modo de produção capitalista e a saúde do trabalhador”.

Por isso, os acidentes/doenças do trabalho estão mais relacionados à imposição de um modelo de sociedade emergido historicamente, do que com predisposições biológicas, ou “atos falhos” que “culpabiliza” os trabalhadores.

É assim que entendemos que esses resultados de pesquisa, estão relacionados com o trabalho sob o metabolismo social do capital, que reduz a condição ontológica da humanidade (trabalho produtor de valores uso), aos fins reificados da reprodução do capital. Assim, o trabalho se torna a negação do humano sob o domínio das mediações alienantes do capital e é por isso que não há consideração pela saúde e vida dos trabalhadores (MARX, 1985), que as pesquisas estão mostrando.

Portanto, pensamos ser fundamental essa reflexão teórica sobre a categoria trabalho e a sua redução, sob o mando do capital, ao trabalho abstrato (as mediações de segunda ordem). Esse argumento é basilar para entender o adoecimento no trabalho em inúmeros territórios, e para o entendimento dessa geografia da degradação do trabalho, pois desde os *call centers* ao território fabril dos frigoríficos, certamente encontraremos impactos na saúde e vida dos trabalhadores. É isso que procuraremos demonstrar a seguir estudando o trabalho em frigoríficos que abatem e processam carne de frango e suínos.

## A SAÚDE DOS TRABALHADORES EM FRIGORÍFICOS

As atividades laborais em frigoríficos no Brasil e no mundo tem colocado em risco a saúde dos trabalhadores, pois há pesquisas que mostram o grande adoecimento nesse setor. A grande quantidade de movimentos repetitivos realizados os têm levado a inúmeras Lesões Por Esforço Repetitivo (L.E.R), que também são conhecidas como Doenças Osteomusculares Relacionadas com o Trabalho (DORT), as LER/DORT, bem como, as doenças psicológicas, sem contar as mutilações etc.

Portanto, é preciso que conheçamos esses territórios para compreender as relações de trabalho impostas aos trabalhadores. Os resultados da nossa pesquisa de mestrado têm apontado que a experiência de trabalho em frigorífico pode trazer consequências irreversíveis, como a invalidez para muitos destes trabalhadores. Assim, temos entendido os frigoríficos como territórios da degradação do trabalho com impactos na saúde e na vida do sujeito que trabalha.

Para demonstrar esse grande risco de adoecimento, investigamos bibliografia sobre o setor, que foram cruciais, bem como os dados disponibilizados pelo Ministério Público do Trabalho (MPT), através principalmente das Ações Cíveis Públicas (ACP) ajuizadas contra diversas empresas do setor de frigorificação de carnes, no Brasil. Enfatizamos também o material que conseguimos levantar por meio dos trabalhos de campo realizados por nós, e, sobretudo as entrevistas junto a trabalhadores da Sadia em Toledo (PR), e a análise documental junto ao MPT (PTM de Cascavel), bem como das contribuições de relatórios, artigos e pesquisas sobre o trabalho nas atividades de frigorificação de carnes em escala internacional.

Das contribuições dessa bibliografia internacional é possível afirmar que o emprego nas atividades de frigorificação de carnes impõe condições de trabalho degradantes e podem adoecer os trabalhadores, na mesma monta que o Brasil, embora existam algumas peculiaridades como o trabalho dos migrantes ilegais latino-americanos no caso dos Estados Unidos (JACOBS et.al. 2011).

Cintas (2011) analisando o relatório da Human Rights Watch (HRW) intitulado *Blood, Sweat and Fear: worker's rights in the U.S. meat and poultry plants*<sup>5</sup>, publicou um artigo sob o título “Trabajadores en el matadero: la seguridad y salud en la industria cárnica y avícola norteamericana una asignatura pendiente”<sup>6</sup>. No texto realçou alguns dados com base em estatísticas da Occupational Health and Safety Administration (OSHA) para o ano 2000, em que “más del 14% de los trabajadores en mataderos avícolas habían sufrido heridas en su trabajo, doblando el promedio de todas las industrias privadas” (CINTAS, 2011, p.2)<sup>7</sup>. E também ressaltou que “los trabajadores avícolas tienen también 14 veces más posibilidades de sufrir afecciones invalidantes provocadas por traumas repetitivos (...)” (CINTAS, 2011, p.2)<sup>8</sup>.

A organização não-governamental GRAIN, em reportagem publicada no ano de 2010 demonstra que o trabalho intenso e repetitivo é algo existente nos frigoríficos avícolas estadunidenses:

Hoy, el obrero promedio en las plantas avícolas estadounidenses repite los mismos movimientos de 10 mil a 30 mil veces por turno, y la industria de la carne se volvió el sitio más peligroso para trabajar en Estados Unidos<sup>9</sup>(GRAIN, 2010, p.28).

Outro fato marcante no caso dos EUA é que os trabalhadores em sua maioria são imigrantes, especialmente latinos, em condições ilegais no país, e ficam expostos a violações dos seus direitos, ameaças, coação etc.

Inclusive segundo GRAIN (2010, p.28) essa foi uma estratégia das empresas norte-americanas, pois os trabalhadores estadunidenses estavam organizando sindicatos combativos que, “(...)forzaron a las compañías a otorgar condiciones decentes de trabajo e salario”<sup>10</sup>. E, para

<sup>5</sup> “Sangue Suor e medo: direitos dos trabalhadores em frigoríficos bovinos e avícolas dos Estados Unidos”. Tradução Livre.

<sup>6</sup> “Trabalhadores em frigoríficos: A segurança e a saúde na indústria de bovinos e aves norteamericana, um assunto pendente”. Tradução livre. Disponível em: <<http://www.periodistes.org/entblog/44876>> (Acesso em 06/11/2012).

<sup>7</sup> “mais de 14% dos trabalhadores de frigoríficos de aves tinham sofrido acidentes no trabalho o dobro da média de todas as empresas privadas”. Tradução livre.

<sup>8</sup> “Os trabalhadores de frigoríficos de aves são também 14 vezes mais propensos a sofrer de condições incapacitantes causadas por esforços repetitivos (...)”. Tradução livre.

<sup>9</sup> “Hoje o trabalhador nas plantas avícolas estadunidenses repete os mesmos movimentos de 10 mil a 30 mil vezes por turno, e a indústria da carne se tornou o lugar mais perigoso para trabalhar nos Estados Unidos”. Tradução livre.

<sup>10</sup> “(...)forçaram as companhias a oferecer condições decentes de trabalho e salário”. Tradução livre.

abolir a mobilização, dos trabalhadores, as empresas começaram a contratar o trabalho dos imigrantes, geralmente ilegais, sem direitos trabalhistas assegurados nos Estados Unidos.

Mas, em que pese essa diferença entre o emprego de imigrantes nos EUA para com a realidade brasileira, a observação das condições de trabalho não demonstra diferenças gritantes. O relatório da HRW comprova que os trabalhadores americanos também perfazem jornadas extenuantes, como de dez a doze horas diárias<sup>11</sup>.

Ainda, com base num depoimento de especialista que trabalha numa clínica de Northwest (Arkansas), prestadora de serviços aos trabalhadores de frigoríficos avícolas percebe-se que:

Según el mismo, existen “problemas relacionados con la estricta imposición de horas extras de trabajo en las plantas. Los pacientes me explican que tienen que trabajar de diez a doce horas diarias, seis días a la semana. Detecto muchos problemas psicológicos además de las lesiones físicas. Este implacable sobre-esfuerzo es causa de fatiga y depresión en muchos de los pacientes” (CINTAS, 2011, p.3).

Em outros países as condições não são diferentes. Na França, por exemplo, as lesões por esforços repetitivos representaram 80% das doenças ocupacionais na agricultura em 2001, e, somente nas regiões avícolas o adoecimento por esse motivo corresponde a 36% ou 1/3 do conjunto das doenças ocupacionais (PRESSANTI, 2007). A autora na sua pesquisa apresenta dados de doenças específicas do setor avícola que resultam em 83% de doenças osteomusculares seguido das doenças respiratórias com 6%.

Na Itália num frigorífico avícola do Grupo Amadori que emprega mil pessoas na cidade de Mosciano Sant’Angelo pertencente a província de Teramo, cerca de 70% dos trabalhadores executam tarefas repetitivas de risco médio e alto (VISCIOTTI et. al. 2005). Para chegar a esses resultados, os autores utilizaram o método OCRA (Occupational Repetitive Action) que serve para análise e avaliação de risco em atividades repetitivas que foi proposto por pesquisadores da Universidade de Milão (Antonio Grieco, Enrico Occhipinti e Daniela Columbini) e é referência para análise ergonômica de membros superiores devido a movimentos e esforços repetitivos na

---

<sup>11</sup> Os brasileiros também perfazem tais jornadas e até maiores. Para ficar com o exemplo da Sadia de Toledo (PR): “(...) a ré vem submetendo seus empregados, de forma habitual, a jornadas superiores a 10 horas, com duração de carga diária de trabalho de até 19 horas e 22 minutos” (ACP n°01428-2010-068-09-00-5, p.48).

União Européia. Quando os movimentos repetitivos são avaliados como risco médio e alto significa que é grande a possibilidade de adoecer no trabalho.

As informações apresentadas demonstram que o trabalho degradante, repetitivo e que pode adoecer está presente nos frigoríficos norte-americanos, franceses e italianos. Portanto, a atividade de frigorificação de carnes tem essa marca em comum, desde a escala local, até os casos internacionais.

No Brasil, os dados de acidentes de trabalho que compreendem o setor frigorífico, embora subnotificados são relevantes. Isso porque se compararmos a quantidade de empregos em 2010 no setor para o Brasil (236.371 empregos), segundo a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), com a quantidade de acidentes de trabalho do curto período 2006-2010, do Ministério da Previdência Social (MPS), indica que 23,5% desse conjunto de trabalhadores já teria sofrido alguma enfermidade no trabalho.

Vejamos em casos concretos disponibilizados pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) através das suas fiscalizações, Ações Cíveis Públicas (ACP) e publicações oficiais.

Um caso é a Ação Civil Pública (ACP) nº3497-2008-038-12-00-0, movida pelo MPT de Santa Catarina, contra a Brasil Foods<sup>12</sup>(BRF) de Chapecó (SC), onde, em cinco anos (2004-2009) cerca de 20% dos seis mil trabalhadores receberam benefícios previdenciários em razão das doenças osteomusculares (1.213 trabalhadores)<sup>13</sup>. Na mesma empresa em sua unidade localizada em Capinzal (SC), conforme matéria publicada pela Procuradoria Regional do Trabalho do Paraná (PRT-9ª Região), no dia 12 de dezembro de 2011, há informação de que 20% dos 4.500 trabalhadores têm algum tipo de doença ocupacional<sup>14</sup>.

Ainda, conforme a ACP nº 2545-25.2011.5.18.0101 movida contra a BRF de Rio Verde (GO) chegou-se aos dados de que os afastamentos por distúrbios osteomusculares (campeões nos afastamentos) no período de janeiro a setembro de 2011 tiveram uma média de 28 atestados por

---

<sup>12</sup> Empresa fruto da fusão entre Perdigão e Sadia aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) com restrições em 2011.

<sup>13</sup> Fonte e mais informações em: <[http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2010\\_09/2010\\_09\\_29.php](http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2010_09/2010_09_29.php)> (Acesso em: 06/11/2012).

<sup>14</sup> Fonte e mais informações em: <[http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2011\\_12/12\\_12.php](http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2011_12/12_12.php)> (Acesso em: 06/11/2012). O conteúdo da decisão judicial está disponível em: <<http://consultas.trt12.jus.br/SAP1/DocumentoListar.do?pdsOrigem=AUDIENCIAS&plocalConexao=joacaba&pnrDoc=200363>> (Acesso em 06/11/2012).

dia e 842 ao mês. No período foram totalizados 25.736 afastamentos do trabalho, média de 95 por dia e 2855 ao mês<sup>15</sup>.

A ACP movida contra a BRF de Videira (SC)<sup>16</sup> vai ainda mais longe. Ela traz informações do que sentem os trabalhadores com relação ao trabalho desempenhado no território fabril frigorífico. Através do relatório denominado “Análise das Condições de Trabalho em Áreas de Aves e Suínos, do Frigorífico de Videira da Empresa Perdigão Agroindustrial S/A, do Estado de Santa Catarina”, constatou-se que no universo de 1.546 entrevistados: 1) 68,1% manifestaram sentir dores causadas pelo trabalho na área de aves, e 65,3% na área de suínos; 2) 70,89% das posturas analisadas precisam de intervenção ergonômica no setor de aves e 95,5% no setor de suínos; 3) 24% dos trabalhadores manifestam dormir mal no setor de aves e 33,18% no setor de suínos; 4) 49,64% dos trabalhadores dizem se sentir nervosos no setor de aves e 50,43% no setor de suínos; 5) 12,26% manifestaram que já pensou em acabar com a própria vida no setor de aves e 13,46% no setor de suínos (Ação Civil Pública nº137-2009, p.29-30).

Outra pesquisa importante é o Projeto Integrado de Saúde do Trabalhador Avícola (PISTA)<sup>17</sup>, realizado em 2006 por meio da Federação dos Trabalhadores das Indústrias da Alimentação do Rio Grande do Sul (FTIA-RS). Estudaram-se as condições de trabalho em frigoríficos avícolas nesse estado, onde foram realizados 1.200 questionários com trabalhadores do setor de 12 empresas situadas em diferentes municípios<sup>18</sup>. Os resultados alcançados apontou que cerca de 80% dos entrevistados fazem uso de analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos e pelo menos 20% utiliza remédios de tarja preta.

Trata-se de dados que mostram a face dramática da relação entre o trabalho desempenhado e o possível adoecimento físico e mental. O número de movimentos repetitivos na BRF de Videira também é revelado pela fiscalização realizada no ano de 2010. No setor de evisceração de frangos, a) são 60 ações por minuto na atividade de retirada e separação de

---

<sup>15</sup> Fonte: <[http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2012\\_04/19\\_04.php](http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2012_04/19_04.php)> (Acesso em: 06/11/12).

<sup>16</sup> ACP nº137-2009.

<sup>17</sup> Do projeto surgiu o livro “Doenças do Trabalhador: a irresponsabilidade social do capital” organizado por Paulo Peixoto de Albuquerque e publicado pela editora Nova Harmonia no ano de 2007.

<sup>18</sup> Cidades e Empresa: Lajeado (Avipal e Minuano), Marau (Perdigão), Montenegro (Doux-Frangosul), Caxias (Doux-Frangosul, Penasul, Nicolini e Frinal), Passo Fundo (Doux-Frangosul), Pelotas (Cosulati), Estrela (Languiru), Encantado (Cosuel), Roca Sales (Penasul), Erechim (Aurora), Porto Alegre (Avipal), São Sebastião do Caí (Agrosul).

vísceras (coração e fígado); b) entre 70 e 90 ações por minuto na retirada de vísceras de dentro da carcaça; na pendura de frangos, c) entre 80 e 120 ações por minuto; e no setor de embalagens, d) são 80 ações por minuto com o braço direito e 70 com o esquerdo para embalar/selar frangos inteiros. No setor de suínos, a) a atividade de retirar carne de cabeça são efetuadas 60 ações por minuto com o braço direito, b) desossar a paleta são 80 ações por minuto com o braço direito e 50 ações com o esquerdo. No setor de industrializados, a) a atividade de grampear saco de salsicha com a máquina são efetuados 95 movimentos por minuto com a mão direita e 70 com a esquerda, b) ensacar salsicha com máquina são 42 ações por minuto (Ação Civil Pública nº137-2009, p.18-19).

Tais movimentos repetitivos ultrapassam os limites considerados seguros para manter um padrão de saúde e segurança do trabalho. Kilbom (1994) *apud* Sardá et. al. (2009, p.61) afirma que “o número de 25 a 33 movimentos por minuto não deveria ser excedido quando se deseja evitar transtorno aos tendões”.

No caso apresentado, o movimento repetitivo imposto aos trabalhadores chega a ser **três vezes** maior do que o limite considerado seguro. Certamente, somando a quantidade de movimentos com a pressão por produção, ambiente frio, insuficiência de pausas, trará consequências desastrosas para a saúde dos trabalhadores.

Na ACP nº01428-2010-068-09-00-5 movida contra a BRF/Sadia de Toledo (PR), objeto de nossa pesquisa, também há um elevado número de ações técnicas por minuto realizado pelos trabalhadores, o que não destoia das constatações anteriores (Tabela 1).

**Tabela 1- Movimentos repetitivos realizados pelos trabalhadores em três funções da Sadia em Toledo- PR (2009)**

ATIVIDADE	NÚMERO DE MOVIMENTOS/MINUTO	NÚMERO DE MOVIMENTOS/HORA	NÚMERO DE MOVIMENTOS/JORNADA
Refile de peito	Mão direita: 75 ações/minuto Mão esquerda: 80 ações/minuto	4.800 ações/hora em cada mão	36.000/38.400 ações por dia em cada mão
Desossa de coxa e sobrecoxa (perna)	Mão direita: 46 ações/minuto Mão esquerda: 46 ações/minuto	2.700 ações/hora em cada mão	22.000 ações por dia em cada mão
Evisceração (retirada de coração)	Mão direita: 140 ações/minuto Mão esquerda: 140 ações/minuto	8.400 ações/hora em cada mão	67.000 ações/dia em cada mão

Fonte: ACP nº01428-2010-068-09-00-5. Organização do autor.

Nessa investigação o MPT foi taxativo na sua argumentação sobre os relevantes números de movimentos repetitivos, pois eles geram “carga biomecânica e mental, *incompatíveis com a saúde e dignidade humana*” (Ação Civil Pública nº01428-2010-068-09-00-5, p.11, *grifo nosso*).

Portanto, o objetivo do lucro a qualquer custo faz com que os trabalhadores desenvolvam atividades extremamente repetitivas, inclusive excedendo até três vezes os movimentos considerados seguros por pesquisas, não respeitando os fatores biomecânicos do corpo humano, ou seja, impactando na saúde física e mental do sujeito que trabalha.

O MPT encontrou também na investigação o descumprimento da legislação trabalhista representado de inúmeras formas como: através da não concessão de repouso semanal remunerado, horas extras não pagas, intervalos intrajornadas e interjornadas irregulares, combinada com a alta repetitividade (até 2 vezes mais movimentos/minuto do que o considerado seguro), inadequação do mobiliário, pressão por produção, ambiente artificialmente frio, que certamente contribuem para a degradação ainda mais intensa do trabalho. E, tais condições de trabalho têm levado os trabalhadores ao adoecimento físico e mental (Tabela 2).

**Tabela 2 – Trabalhadores da Sadia de Toledo (PR) acometidos por Doenças Osteomusculares (CID-M) e Transtornos mentais (CID-F) 2006-2008**

ANO	BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS CONCEDIDOS (GRUPOS M E F)
2006	235
2007	208
2008	217
TOTAL	660

Fonte: ACP nº01428-2010-068-09-00-5. Organização do autor.

Esse período curtíssimo de tempo resultou em alto número de benefícios previdenciários concedidos, pois pelo menos um trabalhador por dia, nos três anos da amostra, recebeu algum benefício por doença osteomuscular ou transtornos mentais.

Observa-se também que a média de trabalhadores acometidos por transtornos osteomusculares (CID grupo M) e mentais (CID grupo F) é de 220 ao ano. Numa analogia

estatística se pensarmos nessa média com o total de empregados hoje na empresa (cerca de 7400), demonstra que em 10 anos 2200 pessoas podem ter benefícios concedidos por doenças osteomusculares e mentais se as tendências se confirmarem. Isso equivaleria a cerca de *30% dos funcionários (hoje) da Sadia*.

Portanto, através das informações levantadas é possível perceber que há um adoecimento generalizado no setor frigorífico. Desde a escala internacional, passando pelos frigoríficos brasileiros até a Sadia em Toledo (PR). São territórios da degradação do trabalho onde a experiência de se empregar nesse tipo de atividade pode trazer consequências irreversíveis para a saúde e vida dos trabalhadores. Por isso, tem razão Sardá (2009) quando afirma que estamos a consumir produtos fruto de sofrimento humano. Sofrimento que poderá ser exposto através das narrativas dos trabalhadores a seguir.

## **O TRABALHO DEGRADANTE QUE ADOECE, MUTILA E IMPACTA NA VIDA DOS SUJEITOS**

As fontes orais foram riquíssimas na pesquisa para esmiuçarmos ainda mais as informações e principalmente para perceber quais são as experiências dos trabalhadores sobre o trabalho na Sadia e os impactos do trabalho na sua saúde e vida. Somando-se com as outras fontes consultadas pensamos que foi possível avançar bastante nas reflexões acerca da degradação do trabalho no território fabril.

Nas entrevistas que realizamos procurou-se trabalhar estas fontes com a metodologia da história oral buscando compreender as experiências destes sujeitos com relação ao trabalho no território fabril.

A metodologia da história oral é assim resumida por Harres (2009, p.10):

Em história oral, dificilmente trabalhamos com um quadro de perguntas fixas, isso porque o interesse é estimular o processo de rememoração, o qual tem um fluxo próprio que inclui cadeias de associações reveladoras da lógica interna do depoimento. Recomenda-se não propriamente uma entrevista, mas uma conversa livre em que a pessoa é convidada a falar de um assunto de interesse comum.

Na pesquisa de campo priorizamos um roteiro de entrevistas sem perguntas fechadas,

buscando uma “conversa” com os trabalhadores com o objetivo de apreender as suas experiências/narrativas com relação ao emprego na Sadia de Toledo (PR).

De antemão é possível afirmar que na perspectiva dos trabalhadores entrevistados as teses que relacionam a concentração de indústrias de frigorificação de carnes com o desenvolvimento regional se tornam frágeis, pois não são compatíveis com as experiências dos sujeitos que nos compartilharam seus depoimentos.

O que colocamos como realce central se refere às doenças/acidentes relacionados ao trabalho. Estas, não podem ser vistas como meros dados estatísticos, pois suas implicações na vida destes sujeitos são muito evidentes o que demonstra ser esse um problema muito sério e para além dos dados estatísticos.

Vamos começar dando voz aos trabalhadores sobre a intensificação do trabalho na Sadia. Percebe-se que ainda hoje o ritmo de trabalho é muito intenso<sup>19</sup>. Como demonstram as falas dos trabalhadores:

Era mais lento né o processo era mais lento, assim era mais lento só que era mais difícil tinha menos máquinas né. Hoje é mais rápido e tem mais máquina e aí é mais rápido né, passou os anos piorou e a tendência é piorar né, vai automatizando e você tem que acompanhar o ritmo (Entrevistado, João).

Roberto<sup>20</sup> que trabalhou na linha de desossa de perna de frango cerca de oito anos e hoje se encontra afastado do emprego nos conta como seu trabalho foi se intensificando:

[...] aí me colocaram numa linha de desossa, parte de desossa de perna de frango nós começamos a desossar frango, perna de frango, com 28 segundos, 28 segundos por perna e daí passando uma semana daí veio de 28 caiu pra 26, aí foi passando os meses aí foi diminuindo pra 25, aí de 25 foi diminuindo, veio diminuindo pra (...) de 25 pra 23 de 23 pra 20 e pra 18 aí veio diminuindo aí chegou até de 18 veio pra (...) quando eu vi que eu não aguentava trabalhar mais aí comecei a pegar ficha, ficha, ficha vi que eu não aguentei mais daí eu encostei (...) no último e tal eu tava fazendo desossa com 15 segundos desossando uma perna a cada 15 segundos uma perna pra exportação então dali pra cá foi ali que eu encostei né (...) (Entrevistado, Roberto, *grifos nossos*).

---

<sup>19</sup> As entrevistas foram gravadas com autorização dos trabalhadores após a explicação dos objetivos da pesquisa e entrega de um documento por parte do pesquisador em que se assegura o completo anonimato dos seus nomes. Todos os nomes dos trabalhadores entrevistados são fictícios “pseudônimos” e foram mantidos em sigilo para que não ocorram maiores problemas.

<sup>20</sup> Depoimento gravado em câmera de vídeo com autorização do trabalhador.

As rotinas de trabalho vividas demonstraram que o ritmo elevado e repetitivo é algo existente. João que trabalha ainda hoje no frigorífico de aves da Sadia nos descreveu a sua atual jornada: entra às 5 horas da manhã, trabalha sem pausa até as 8 (3 horas seguidas) quando há uma pausa de 10 minutos. Na volta dessa pequena pausa trabalha mais 3 horas até as 11 quando apita o sinal do almoço. Nesse momento todos os trabalhadores saem e segue para retirar luvas de aço, material descartável (avental, mangas e luvas) passam no banheiro, almoçam e voltam rapidamente passando novamente no banheiro, pegando o material descartável, luva de aço e seguem para a linha. Todas essas funções têm de ser feitas em 1 hora que é aquela destinada ao almoço/repouso previsto por lei.

Efetivamente percebemos que as pausas não são eficazes e colocam em risco a saúde dos trabalhadores. Isso porque para que não ocorra transtorno aos tendões, é preciso que haja pausas de recuperação de fadiga, para que o líquido sinovial se recomponha. Pausas essas que são previstas pela Normativa Regulamentadora nº17 e que são descumpridas pela empresa<sup>21</sup>.

Isso nos põe a pensar que a busca pelo lucro a qualquer custo vê na condição do trabalho humano transformado em mercadoria vendável (MARX, 2004), apenas um fator de produção, que deve ser utilizado no seu máximo para garantir o lucro alheio (mais-valia). O grande problema é que no caso dos frigoríficos o lucro a qualquer custo está se dando a troco de um grande sofrimento dos trabalhadores com impactos sérios na sua saúde e vida.

O resultado da busca desenfreada pelo lucro, passando por cima inclusive da legislação é a exposição dos trabalhadores aos riscos de Lesões Por Esforço Repetitivo e também a transtornos psicológicos. Como nos relata um ex-trabalhador da empresa: “Tem uns outros (trabalhadores) com esquizofrenia por causa da pressão que a Sadia para aumentar a produção para atingir a exportação *o cara ficou querendo se suicidar* trabalhou dez anos e aí já tá uns dez anos afastado pra tratamento de esquizofrenia.”

Walter (2012) também constatou casos de adoecimento mental em frigorífico no Rio Grande do Sul como o caso da trabalhadora Madalena, entrevistada pelo autor, que trabalhou 9

---

<sup>21</sup> Conforme ACP nº01428-2010-068-09-00-5 p.18 no 2º parágrafo onde consta “Uma das principais medidas descumpridas pela ré é a não-concessão das pausas para recuperação de fadiga, previstas na NR 17 do MTE (...)” e também na p.19 “Ignorando completamente a NR 17, a empresa limita-se a conceder diminutas pausas para ginástica laboral e para satisfação das necessidades fisiológicas, **não assegurando pausas para recuperação de fadiga**, consoante verificado no Auto de Infração n. 01639928-5 lavrado em setembro de 2009 (...)” (**grifo nosso**).

anos em frigoríficos e se afastou por depressão tentando por duas vezes o suicídio.

Isso nos indica que a degradação do trabalho em frigoríficos se evidencia também através dos impactos físicos e mentais que as relações de trabalho no território fabril nesse setor expõem os trabalhadores.

Constatamos também o sentimento negativo com relação ao emprego na Sadia. Isso foi evidenciado a partir das narrativas críticas à vivência/experiência dos trabalhadores na empresa.

Como sugerem estes trechos de entrevistas abaixo:

[...] meu pai pelo menos não falou nada pra fazer ficha na Sadia ele sabia que não era bom assim ele nunca ofereceu trabalhar lá dentro e tal, aí eu falei, vou lá fazer uma ficha tinha que ajudar em casa e tal só ele trabalhando, mas ele mesmo não tocou no assunto porque até antes disso ele já tinha ficado afastado do trabalho por causa da coluna né já tinha visto tudo isso aí, mas a gente tem que ajudar em casa né aí eu falei bom, *já entrei com o pensamento, vou entrar trabalhar até a hora que eu ver que eu não me estouro totalmente né* (Entrevistado Vinicius, *grifo nosso*).

[...] *não tem nada de coisa boa hein*, já trabalhei de babá, doméstica, costura, mas eu nunca vi tanto trabalho e tão pouco salário pagam pouco e muito serviço não tem nem o que falar eles tinham que valorizar mais o funcionário eles não valorizam, não tem valor nenhum, só tem valor enquanto você está bom porque se você pegar uma ficha um atestado você não tem valor pra eles, eles simplesmente não valoriza não, não tem nada de bom pra mim (...) antes de trabalhar na Sadia eu não tinha uma dor rapaz eu não tinha dor no meu braço, *hoje eu não agüento segurar uma bolsa* (...) (Entrevistada Joana, *grifo nosso*).

[...] eu falo assim que frigorífico hoje (...) muitas pessoas às vezes a gente encontra e falam “olha eu vou entrar na Sadia”, *eu falo ó vai trabalhar de doméstica, vai fazer uma faxina duas, três vezes por semana, mas não entra lá porque é complicado, bem complicado*. (Entrevistada, Márcia, *grifo nosso*).

[...] Eu acho que se fosse pra eu voltar a trabalhar não ia voltar nunca mais lá porque assim a experiência que eu tive lá pra mim foi feio né porque *eu fui lá acabar com tudo aquilo que eu tinha de bom né que era a minha saúde* (Entrevistada Roberta, *grifo nosso*).

Na perspectiva dos trabalhadores o emprego é visto num sentido negativo e pura necessidade de sobrevivência, por não ter alternativa.

Os próprios depoimentos na perspectiva desses sujeitos demonstram que geração de emprego não significa necessariamente boas condições de trabalho. Os trabalhadores demonstram que no território fabril frigorífico, sua saúde se deteriorou devido à enorme pressão e aos

movimentos repetitivos causadores das doenças osteomusculares infelizmente muito frequentes no setor. Esse emprego portador para alguns do “desenvolvimento” e “progresso” para os trabalhadores foi o motivo de uma doença ocupacional muitas vezes incurável.

Os trabalhadores compreendem que o trabalho intenso e rápido, que vivenciaram não os levou a um “crescimento na empresa” (típica ideologia capitalista), mas sim os conduziu a condição de estarem doentes acometidos principalmente pelas LER/DORT e transtornos mentais.

São sujeitos em que o trabalho desempenhado na linha de produção da Sadia foi responsável pelas dores intensas que em alguns casos chegaram a limitar a sua condição física e mental. Tarefas habituais como varrer uma casa, segurar um filho no colo, segurar um copo, segurar uma bolsa, lavar roupa, hoje já não são mais possíveis devido às doenças que os acometem<sup>22</sup>. Há casos em que os trabalhadores dizem conviver com dores constantes todos os dias. Como seguem em outros trechos de entrevistas:

[...] os tendões, meus tendões tem aqui um pino assegurando eles, aí era muito peso que eles davam daí ele não aguenta, *se eu pegar uma sacola de dois quilos eu não aguento, de noite eu não durmo de tanta dor (...)* (Entrevistada, Cláudia, *grifo nosso*).

[...] *eu não sei o que é viver* tem dia eu não sei cara eu gritava de dor eu ficava assim ó de meio da semana assim domingo segunda andando na sala gritando de dor, chorando de dor, de tanta dor, tanto medicamento que eu tomava e não cortava minha dor [...] (Entrevistado, José, *grifo nosso*).

[...] tinha dia que eu chegava em casa quebrada não conseguia fazer nada, dormir mesmo eu *tinha que dormir a base de remédio* tanto que quando eu encostei no primeiro ano que eu fiquei afastada eu tomei remédio controlado durante um ano pra eu poder dormir *eu não conseguia dormir por causa das dores*. (Entrevistada, Paula, *grifo nosso*).

Isso demonstra que os impactos da doença atingem a esfera da vida dentro e fora do trabalho<sup>23</sup>, numa dimensão em que a degradação do trabalho impacta no cotidiano destes

---

<sup>22</sup> Ver o vídeo do programa Repórter Record exibido no dia 21/10/2012 intitulado “Perigos da Carne” e disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=XaWJQue1myY>> que traz depoimentos de trabalhadores nas mesmas condições que aquelas constatadas na nossa pesquisa. (Acesso em 06/11/2012).

<sup>23</sup> Usamos essa terminologia para expressar que as doenças e os acidentes incapacitam os trabalhadores dentro da fábrica devido às condições degradantes de trabalho e impactam na sua vida dentro e fora do trabalho no seu cotidiano, nas tarefas habituais, etc.

trabalhadores. Resta aos trabalhadores os medicamentos que aliviam as suas dores. Mas, estes dão apenas sensações de alívio e são parciais. Os remédios que os trabalhadores têm de tomar frequentemente como anti-inflamatórios e casos até de morfina para tentar aliviar as dores estão em parte materializados na (Figura 3<sup>24</sup>).



**Figura 3 – Remédios consumidos por um trabalhador**

Fonte: Pesquisa de Campo, Janeiro à Março de 2012.

O consumo frequente destes medicamentos induz a outros problemas. Com o passar do tempo às doses de remédio vão aumentando para amenizar as dores. Isso leva a problemas de estômago, por exemplo, como as ânsias de vomito e gastrite. Como sugere a fala dos trabalhadores José e Moacir quando perguntado se tomavam muitos remédios e seus efeitos:

Ah! agora o médico mandou eu até parar, mas eu tomava o 600, morfina eu tomava, (...) tramadol é tudo remédio pra dor de câncer eles falaram que era, só que não adianta. Estou tomando um tal de cymbalta agora que é muito forte mas falar que eles melhoram o meu problema não, eles ficam só aquela dorzinha assim [...] (Entrevistado José).

Esse aqui é remédio que eu uso pro estômago<sup>25</sup> e fluoxetina também este né, esse aqui é o remédio que eu tomo pro estômago *porque eu tomando esse*

<sup>24</sup> Capturada com autorização do trabalhador.

<sup>25</sup> Trabalhador fala mostrando os remédios, fonte capturada em vídeo com autorização do trabalhador.

*remédio e esse remédio<sup>26</sup> eles prejudicam o meu estômago dá gastrite e ânsia de vômito. (Entrevistado, Moacir, grifo nosso).*

Dessa maneira percebe-se que os riscos de adoecimento não se referem somente à condição física, mas também mental dos trabalhadores. E com o tempo, as consequências do trabalho degradado, levam ao consumo de muitos remédios que podem ocasionar outras dificuldades como os exemplos acima citados.

Um panorama final do resultado do emprego em frigoríficos para os trabalhadores pode ser explicitado por esses trechos curtos das entrevistas que realizamos: “(...) menino eu tava ao extremo mesmo, eu tava que eu não aguentava mais, sabe o que é você sentir dores 24 horas por dia?” (Trabalhadora Lúcia). Carlos também tem diagnóstico parecido, pois sentia dores e “queimava nos lados assim né, no braço”. Joana argumenta “as mãos da gente formiga eu chegava em casa sentindo as mãos formigar, formigar, parecia que tinha um monte de bichinho andando na minha mão (...)”. Fabrício “(...) sentia um pouco de dor, mas não ia atrás né, fui deixando, fui deixando até chegar onde chegou né, quando eu fui pro médico fui pra fazer cirurgia já (...)”. Cláudia, “(...) eu tenho tendinite nos nervos, tem que operar e eu não aguento de tanta dor, dias e noites sem dormir (...)”. Fernanda diz que antes da Sadia “eu nunca reclamei de dor em perna, dor no corpo nada (...)”. José: “hoje eu vivo praticamente 24 horas com dor (...)”. Elis, se referindo aos braços “dói, amortece, começa a formigar é feio (...)”. Roberta: “daí foi começando a doer minha coluna, começou a doer, doer, doer até que daí apresentou uma lordose, da lordose daí foi pra uma hiperlordose daí já começou a doer mais (...)”. Teresa, “dor, dor nos braços e nos ombros né, sentia nos ombros, a minha parte é nos ombros e nas mãos aí por último começou a dar problema nas mãos (...)”. Flávia, diz que o trabalho puxado e repetitivo resultou nas inúmeras lesões, “tanto é que eu peguei todas essas lesões que eu to hoje é nos ombros (...)”. Ela recebe pensão vitalícia conquistada na justiça por seus problemas serem crônicos e sem cura.

---

<sup>26</sup> Dois remédios para as dores que o trabalhador toma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados colhidos ao longo dessa pesquisa estão nos permitindo observar que o trabalho sob as mediações de segunda ordem (MÉSZÁROS, 2009), na sua busca desenfreada pelo lucro a qualquer custo, expõe os trabalhadores de frigoríficos (e outros setores), ao adoecimento físico e mental. Por isso, estamos presenciando, do ponto de vista dos trabalhadores, uma geografia da degradação do trabalho.

O caso dos frigoríficos é emblemático, pois os impactos na saúde e vida dos trabalhadores são evidentes.

Por esse motivo temos nos guiado através das reflexões que veem na crítica radical à sociedade do capital e suas mediações fetichizantes de segunda ordem (MÉSZÁROS, 2002), a solução necessária para os problemas que afetam a saúde dos trabalhadores de frigoríficos e de tantos outros setores. Ou seja, o caminho para nós está no rompimento com o metabolismo social do capital que pressupõe o trabalho abstrato/reificado e (des) realizado, apostando na emancipação dos trabalhadores (THOMAZ JÚNIOR, 2009).

Sendo assim percebemos que a partir dos resultados da nossa pesquisa, as teses do desenvolvimento e progresso relacionadas à geração de emprego e renda no setor frigorífico são esvaziadas de sentido para os trabalhadores. Para eles o emprego significou impactos negativos na saúde e vida o que demonstraram pelos depoimentos. A intensificação do trabalho, os ritmos elevados, a repetitividade, a monotonia do trabalho desempenhado os levaram às doenças que hoje os assolam. Tudo isso a nosso ver se relaciona ao metabolismo social do capital imposto de maneira hierárquica historicamente e que leva a degradação da saúde do ser social que trabalha.

Por isso somente nos anima a organização coletiva dos trabalhadores para enfrentar a questão da saúde do trabalhador. A sociedade que vivemos já mostrou o que significa o emprego e no caso dos frigoríficos representa: baixos salários, pressão por produção, ritmos intensos, movimentos repetitivos, descumprimento das leis, entre outros, que pode levar muitas pessoas de carne e osso, ao adoecimento físico e mental. Portanto é preciso apostar na fundação de um novo metabolismo social radicalmente diferente (ANTUNES, 2011) se queremos evidenciar o **não adoecimento no trabalho** hoje tão frequente. Como resume o autor:

A invenção societal de uma nova vida, autêntica e dotada de sentido, recoloca, portanto, neste início do século XXI, a necessidade imperiosa de construção de um novo sistema de metabolismo social, de um novo modo de produção fundado na atividade autodeterminada. Atividade baseada no tempo disponível para produzir valores de uso socialmente necessários, na realização do trabalho socialmente necessário e contra a produção heterodeterminada, que caracterizou o capitalismo, baseada no tempo excedente para a produção exclusiva de valores de troca para o mercado e para a reprodução do capital (ANTUNES, 2011, p.76).

É por isso que o trabalho degradante que adocece, mutila e impacta na vida dos sujeitos é a marca territorial do trabalho na Sadia em Toledo (PR) e dos frigoríficos brasileiros. Portanto os resultados da pesquisa nos levam a compreender a Sadia e os frigoríficos como territórios da degradação do trabalho com impactos na saúde e vida dos trabalhadores, que está imersa numa geografia da degradação do trabalho em tantas outras inserções laborais.

Portanto, não há considerações cabais sobre essa discussão, mas é possível apontar que ao debater a degradação do trabalho é extremamente necessário colocar sob o crivo da crítica as mediações de segunda ordem redutoras do trabalho à mera mercadoria. Ou seja, a promoção da saúde dos trabalhadores perpassa o desafio de romper com o metabolismo social do capital que hoje apresenta uma geografia da degradação do trabalho na sua pluralidade de marcas territoriais, impactando na saúde e vida dos trabalhadores, desde os canaviais, às fábricas de automóveis, dos frigoríficos aos *call centers*!

Romper com essa lógica societal é necessária para que o trabalho não seja mais promotor de acidentes e doenças, mas que reencontre o seu sentido numa sociedade emancipada do capital e baseada na livre associação dos trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

ALVES, G. Precarização do trabalho e saúde do trabalhador no Brasil: uma perspectiva crítica. In: INÁCIO, J. R. SALIM, C. A. (orgs.) **O vestir e o calçar**: perspectivas da relação saúde e trabalho. Belo Horizonte: Crisálida, 2010, p.351-367.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed., 10. reimp. rev. e ampl., São Paulo: Boitempo Editorial, 2009. p. 287.

\_\_\_\_\_. **O continente do labor**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, p.176.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA PRODUTORA E EXPORTADORA DE CARNE SUÍNA. Exportação brasileira de carne suína. Disponível em: <<http://www.abipecs.org.br/pt/estatisticas/mercado-externo/exportacoes.html>> Acesso em: 06/11/2012.

CINTAS, M. D. Trabajadores en el matadero: la seguridad y salud en la industria cárnica y avícola norteamericana, una asignatura pendiente. **Periodistes.org**, Barcelona, 06 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.periodistes.org/entblog/44876>>. Acesso em: 06/11/2012.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ. **Trabalhadores de frigoríficos buscam aprovação de NR**. Notícia de 29/09/2011. Disponível em <[http://www.ftiapr.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=428:trabalhadores-de-frigorificos-buscam-aprovacao-de-nr&catid=46:saiu-na-imprensa](http://www.ftiapr.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=428:trabalhadores-de-frigorificos-buscam-aprovacao-de-nr&catid=46:saiu-na-imprensa)> Acesso em: 06/11/2012.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Central de Informações de Aves e Suínos. Disponível em: <<http://www.cnpsa.embrapa.br/cias/dados/mapa.php>> Acesso em: 06/11/2012.

GRAIN. La enorme industria de la carne crece por el Sul. **GRAIN**, 14 out. 2010. Disponível em: <<http://www.grain.org/article/entries/4092-la-enorme-industria-de-la-carne-crece-por-el-sur>>. Acesso em: 06/11/2012.

HARRES, M. M. História Oral: algumas questões básicas. **Anos 90**, vol.15, n.28, p.99-112, dez/2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Base de dados agregados (SIDRA) Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (2011). Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=1093&z=t&o=24>>. Acesso em: 06/11/2012.

JACOBS, M. M. (et.al.) Safe food from workplaces: protecting meat and poultry workers. In: KRIEBEL, D. JACOBS, M. M. MARKKANEN, P. TICKNER, J. (orgs.). **Lessons Learned: solutions for workplace safety and health**. Lowell: University of Massachussets – Lowell Center of Sustainable Production, 2011, p. 99-117.

LOURENÇO, E. A. S. **Na trilha da saúde do trabalhador: a experiência de Franca**. 1. ed. Franca: UNESP, 2009. p.400.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. p.496.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômicos filosóficos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p.176.

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital:** rumo a uma teoria da transição. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. p.1104.

\_\_\_\_\_. **A teoria da alienação em Marx.** 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006. p.296.

\_\_\_\_\_. **Estrutura social e formas de consciência:** a determinação social do método. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009. p.312.

\_\_\_\_\_. A reorientação marxiana do método. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, v. [s.n.], número especial, p. 5-20, ago. 2010. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38e/art01\\_38e.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38e/art01_38e.pdf)>. Acesso em: 06/11/2012.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Relação Anual de Informações Sociais. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/rais/estatisticas.htm>> Acesso em: 06/11/2012.

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. Anuário Estatístico de Acidentes de Trabalho – AEAT Infologo (base de dados históricos de acidentes de trabalho). Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/aeat/>> Acesso em: 06/11/2012.

PIGNATI, W. A. MACHADO, J. M. H. Riscos e agravos à saúde e à vida dos trabalhadores das indústrias madeireiras de Mato Grosso. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n.4, p.961-973, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232005000400019](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000400019)>. Acesso em: 06/11/2012.

PRESSANTI, C. **Les risques professionnels en aviculture: synthese des donnes bibliographiques.** 2007. 109 f. These (Docteur Veterinaire) Ecole Nationale Veterinaire Toulouse – Université Paul Sabatier, Toulouse.

SARDÁ, S. RUIZ, R. C. KIRTSCHIG, G. Tutela jurídica da saúde dos empregados de frigoríficos: considerações dos serviços públicos. **ACTA FISIATRÍCA**, São Paulo, v. 16, n.2, p.59-65, 2009a. Disponível em: <<http://www.actafisiatrica.org.br/v1/frmMostraArtigo.aspx?artigo=1249>>. Acesso em: 06/11/2012.

SARDÁ, S. **Meio ambiente de trabalho em frigoríficos.** Apresentação Delegacia Regional do Trabalho. Porto Alegre: DRT, novembro de 2009.

SILVA, M. A. A morte ronda os canaviais paulistas. **Revista da Abra**, Taubaté, v.33, n.2, p.1-25, ago/dez, 2006.

THOMAZ JÚNIOR, A. **Dinâmica Geográfica do Trabalho no Século XXI** (limites explicativos, autocrítica e desafios teóricos). Presidente Prudente, 2009. 501 p. Tese (Livre Docência em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Vol. 1.

\_\_\_\_\_. Intemperismo do trabalho e as disputas territoriais contemporâneas. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, número especial, p. 307-329, out. 2011a. Disponível em: <<http://anpege.org.br/revista/ojs-2.2.2/index.php/anpege08/article/viewFile/176/RAE25>>. Acesso em: 06/11/2012.

VENCO, S. Quando o trabalho adoce: uma análise sobre o teleatendimento. **Interfacehs**, São Paulo, v.3, n.3, p. 1-18, ago/dez, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.sp.senac.br/index.php/ITF/article/view/125/141>>. Acesso em: 06/11/2012.

UNIÃO BRASILEIRA DE AVICULTURA. Informe da UBABEF dados do setor. Disponível em: <<http://www.abef.com.br/ubabef/exibenoticiaubabef.php?notcodigo=3148>>. Acesso em: 06/11/2012.

VISCIOTTI, G. (et. al.) Rischio da patologie lavoro-correlate agli arti superiori, in uno stabilimento industriale finalizzato alla macellazione e lavorazione delle carni avicole. In: 4° Seminario di Aggiornamento dei Professionisti CONTARP Il sostegno dell'INAIL alle aziende: Dall'assicurazione alla prevenzione. Il ruolo della CONTARP. **Anais...** Assisi: Istituto Nazionale Per L'assicurazione Contro Gli Infortuni Sul Lavoro (INAIL), p.377-383.

WALTER, L. I. **A saúde por um fio**: submissão voluntária de afastados de frigoríficos de aves. 1.ed. Porto Alegre: Abecer, 2012. 192, p.